

O Descanso Sabático e o Culto Dominical: Temos direito a ambos

Ir. Maureen Fritz, NDS, Ph.D.

Introdução

O objetivo deste artigo é mostrar que há um lugar para a observância do Sábado entre os cristãos. Os primeiros cristãos observavam devidamente Sábado no século quarto da Era Comum. Embora os Cristãos comemorassem a ressurreição de Jesus no primeiro dia da semana, isto não significava para eles uma revogação do Sábado. O Sábado e o Domingo eram dois dias diferentes. A Carta Apostólica do Papa João Paulo II, *O Dia do Senhor* (31-05-98), que enfatiza a importância do Domingo como um dia de alegria em comemoração à ressurreição de Jesus, observa que “sempre existiu grupos dentro do Cristianismo que observavam tanto o Sábado e como o Domingo como “dois dias irmãos”.¹

Neste artigo, refletirei primeiro sobre a ordem bíblica de observar o Sábado, e o entendimento deste mandamento pelos sábios. Então considerarei a observância do Sábado por Jesus e pelos seus primeiros seguidores. Em seguida, indicarei algumas mudanças que ocorreram nas diversas comunidades da Igreja e o desenvolvimento do Domingo como um dia da semana diferente do Sábado. Concluirei com sugestões sobre a observância do Sábado.

O mandamento do Sábado

Deus abençoou todos os dias da semana, mas um dia, o sétimo dia, o Sábado, Deus deu uma dupla bênção e fixou um dia à parte como único presente de Deus à raça humana. Embora os judeus e alguns cristãos tenham honrado este presente durante todas as épocas, os cristãos na maior parte o negligenciaram. Frequentemente podem-se ouvir cristãos bem-intencionados dizer: “O Sábado foi dado aos judeus. O Domingo substituiu o Sábado”. Tal afirmação não é mais aceitável! Questionei três rabinos, um ortodoxo, um conservador e o outro um Judeu reformado, e perguntei a cada um deles se o Sábado foi dado somente a eles. Todos os três concordaram que o Sábado foi dado a toda a Humanidade. Vamos examinar novamente os textos bíblicos sobre o Sábado.

Gênesis 2, 1-3

“O céu, a terra e todos os seus elementos foram terminados. Deus terminou no sétimo dia toda a obra que havia feito. Ele cessou no sétimo dia toda a obra que fazia. Deus abençoou o sétimo dia e o consagrou, pois tinha cessado, neste dia, toda a obra que Ele, Deus, havia criado pela Sua ação”.

Por este texto, foi-nos apresentado um modelo da criação: seis dias de trabalho e um dia de descanso. Todo o drama da criação ocorre dentro da polaridade do ‘seis’ e do ‘um’. A polaridade inerente no ‘seis’ e no ‘um’ ocorre entre *o trabalho* de Deus e *o descanso*, entre a imanência de Deus à criação e a transcendência de Deus dela. O trabalho atesta envolvimento, enquanto o descanso garante separação e liberdade da absorção na criação. Deus não está totalmente absorto no projeto divino nem entregue passivamente no descanso divino. Tal dialética do trabalho ‘energiza’ os dois pólos.

A dialética do ‘seis’ e do ‘um’ está representada dentro do espaço de tempo de uma semana, que é a unidade bíblica da realidade, não as vinte e quatro horas do dia. O ‘sete’, demonstrando uma importante dimensão de totalidade, sempre foi um número significativo tanto no Judaísmo como no Cristianismo. Por exemplo, como um múltiplo do Ano Jubilar (isto é, sete vezes sete) ele indica o começo de uma nova realidade social. Na semana, o número sete indica uma ligação profunda entre a santidade comum do cotidiano e a dupla porção de santidade atribuída ao Sábado. Enquanto o impulso da semana é em direção à santidade do Sábado, o Sábado, por sua vez, renova os seis dias de trabalho. Comentando sobre a instituição do Sábado, Rosenzweig escreve:

Por isto é importante o significado do Sábado: ele foi instituído em primeiro lugar para comemorar o trabalho do princípio e assim as formas da sólida e duradoura base do ano espiritual. Por outro lado, a sua instituição foi o primeiro sinal da revelação do ato da própria criação ; embora oculto, o nome revelado de Deus aparece nas Escrituras pela primeira vez nas palavras da instituição do Sábado. Assim, por ser de uma vez o sinal da criação e a primeira revelação, ele é também, e até principalmente, a antecipação da redenção.²

Êxodo 20,8-11

Que se faça do dia de sábado um memorial, considerando-o sagrado. Trabalharás durante seis dias, fazendo todo o teu trabalho, mas no sétimo dia, é o sábado do SENHOR, teu Deus; Não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teus animais, nem o migrante que está em tuas cidades. Pois em seis dias o SENHOR fez o céu e a terra, o mar e tudo o que eles contêm, mas no sétimo dia repousou. Eis por que o SENHOR abençoou o dia de sábado e o consagrou.

Em Gênesis 2,1-3, contemplamos Deus numa primeira revelação de sua própria pessoa divina. Neste texto, que é parte do Decálogo, somos ordenados a santificar o dia de Sábado como uma comemoração da criação. A observância deste mandamento é assim uma forma de *imitatio dei*.

O mandamento é duplo. Primeiro imitamos Deus no trabalho da semana: “Trabalharás durante seis dias, fazendo todo o teu trabalho”. Após os seis dias de trabalho, um tempo para fazer valer nossos poderes criativos, somos ordenados a observar o Sábado: “O sétimo dia, é o sábado do Senhor, teu Deus; nele não farás trabalho algum”. O trabalho, embora importante, não deve exigir totalmente da criatura. Interromper o trabalho no Sábado, em resposta a uma ordem de Deus, é um grande ato de entrega a Deus que proclama de uma maneira radical nossa crença na soberania de Deus sobre nossas vidas. Parar o trabalho, do modo que somos capazes, possui a acrescida dimensão de que nos tornamos renovados espiritual, física e emocionalmente. Abraham Heschel descreve o fenômeno em termos de uma ressurreição para toda a humanidade: “A cada sétimo dia um milagre acontece, a ressurreição da alma, da alma do homem e da alma de todas as coisas”.³

Êxodo 31,12-17

O SENHOR disse a Moisés: “Dize aos filhos de Israel: observareis, todavia, os meus sábados, pois é um sinal entre vós e mim de geração em geração, para que se reconheça que sou eu, o SENHOR, que vos santifico. Guardareis o sábado, pois ele é sagrado para vós. Quem o profanar será morto. Sim, todo aquele que fizer algum trabalho nesse dia será eliminado do seio de sua parentela. Durante seis dias, cada qual fará o seu trabalho; no sétimo, porém, será sábado, cessação do trabalho, santidade para o SENHOR; Quem trabalhar no dia do sábado será morto. Os filhos de Israel guardarão o sábado para fazerem do sábado, de geração em geração, uma aliança perene. É para sempre, entre os filhos de Israel e mim, o sinal de que em seis dias o SENHOR fez o céu e a terra, mas que, no sétimo dia, ele cessou o trabalho e retomou alento.

Numa época em que os israelitas estavam a ponto de começar a construção do Tabernáculo (Ex 30,1-31,11), um trabalho da maior importância porque ele é um sinal ao povo de Israel de que Deus habita em seu meio, o mandamento de santificar o dia de Sábado é repetido e enfatizado. Mesmo o trabalho da mais alta importância não suplanta a observância do Sábado. O Sábado é em si mesmo a aliança de casamento, o sinal do pacto entre Deus e o povo. Através de sua observância o povo “reconhecerá que Eu, o SENHOR vos santifica”. Não somente os israelitas reconhecerão, mas a fim de que “todas as nações possam reconhecer, diz Rashi, o grande comentarista medieval”.

Quem profanar o Sábado será morto. A morte não deve ser imediata, mas os elementos da morte podem ser identificados na perda da vida através do desgaste, da diminuição do entusiasmo, da fadiga crônica, etc. No caso de não termos ouvido a primeira advertência, a ameaça de morte é repetida, “Todo aquele que fizer qualquer trabalho no Sábado será morto”. Por que é tão importante observar o Sábado? Porque ele próprio é um ato de *imitatio dei*. Sua observância renova o pacto entre Deus e aquele que observa o Sábado. É um sinal ao mundo todo da entrega de si mesmo a Deus, pois sabemos que cessar o trabalho no qual estamos envolvidos pode ser sublime.

Deuteronômio 5,12-15

Que se guarde o dia do Sábado, considerando-o sagrado, conforme o SENHOR, teu Deus, te ordenou. Trabalharás durante seis dias, fazendo todo o teu trabalho, mas no sétimo dia é o Sábado do SENHOR, teu Deus. Não farás trabalho algum, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem tua serva, nem teu boi, nem teu jumento, nem algum de teus animais, nem o migrante que está em tuas cidades, a fim de que o teu servo e a tua serva repousem como tu. Tu te lembrarás de que, na terra do Egito, eras escravo e que o SENHOR, teu Deus, te fez sair de lá com mão forte e braço estendido. Eis por que o SENHOR, teu Deus, te ordenou guardar o dia do Sábado.

Escrito numa data posterior, este texto é uma segunda versão dos Dez Mandamentos. As palavras são mais fortes. “Que se guarde” substitui “lembre-se” dos textos de Êxodo. “... conforme o SENHOR, teu Deus, te ordenou” são palavras não encontradas em Êxodo, mas são de preferência uma ampliação de sua

retórica. Uma razão adicional é dada para a observar o Sábado: “Tu te lembrarás de que, na terra do Egito, eras escravo e que o Senhor, teu Deus, te fez sair de lá com mão forte e braço estendido” Por isso, “O Senhor, teu Deus, te ordenou guardar o dia de Sábado”.

O servo “bem como tu” tem um direito igual ao descanso do Sábado. O Sábado proclama a igualdade entre todos. Dotando todos com a habilidade de dizer “Não” a qualquer forma de coação, o Sábado é um santuário no tempo que forma uma nova consciência da dignidade e da liberdade individuais. Ele é a *Carta Magna* da libertação de todos os seres humanos da tirania de outros seres humanos.

A palavra “trabalho” aparece constantemente em todos estes textos.

A Bíblia não dá nenhuma definição de trabalho. A *Mishná*, compilada e editada no início do século terceiro, uma coleção de leis e ética judaicas, colocada em segundo lugar após a Bíblia Hebraica, enumera trinta e nove categorias de atividades consideradas como trabalho proibido. Mas as regras com relação a estas categorias não se aplicam quando a vida de uma pessoa está em perigo. É dever de todos fazer o que for necessário para salvar uma vida. Todas as leis sabáticas ficam suspensas em casos de doença grave ou em qualquer situação na qual a vida de uma pessoa esteja em jogo. Um médico que é chamado para atender a um tratamento de emergência, deve fazer o possível para salvar uma vida sem considerar as restrições sabáticas.⁴

Isaías 58,13-14

Se te abstiveres de andar durante o Sábado, e de tratar dos teus interesses no meu dia santo; se chamares o Sábado de “Delícia”, o santo dia do SENHOR, de “Glorioso” se o glorificares, renunciando a fazer tuas andanças, a buscar teus interesses e a meter-se em discussões sem fim, então encontrarás a tua delícia no SENHOR, eu te levarei de carro sobre as alturas da Terra, te farei saborear o patrimônio de Jacó, teu pai. Sim, a boca do SENHOR falou.

Afinal, os rigorosos mandamentos para santificar o dia do Sábado, aqui, são a grande recompensa: encontraremos deleite no Senhor. Voaremos alto. Nossos fardos ficarão mais leves. Colheremos a recompensa de nossa rica herança

Jesus e o Sábado

Aprendemos pelo Novo Testamento que Jesus foi judeu. Nasceu de uma mulher judia, da raça de Davi e do povo de Israel. Foi criado como judeu. Foi circuncidado de acordo com a Lei. Falava e agia como um judeu. Sua maneira de pregar e de ensinar era judaica. Muitas de suas parábolas e provérbios podem ser encontrados na tradição judaica. Seus primeiros discípulos eram judeus, como eram os Apóstolos e os primeiros mártires. Contudo, Jesus tem sido freqüentemente descrito como estando em inimizade com seu próprio povo, e, de igual modo, que ele aboliu o Sábado. Na verdade, ele aboliu o Sábado ou ele era fiel à sua observância?

Jesus observava o Sábado?

Várias referências nos Evangelhos indicam que Jesus era um judeu observante que guardava o Sábado. Em Marcos, Jesus chega a tempo para o Sábado: “Eles entraram em Cafarnaum; e logo no dia de Sábado, tendo entrado na sinagoga, Jesus ensinava”.(1,21) Lucas enfatiza que era costume de Jesus ir à sinagoga no dia do Sábado: “Ele veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Entrou na sinagoga, segundo o seu costume, no dia do Sábado”.(4,16) E Mateus, conhecendo as leis de jornada acerca do Sábado, apresenta Jesus dizendo: “Orai para que não tenhais de fugir no inverno, nem num dia de Sábado”. (24,20).

Jesus revogou o Sábado?

Aqueles que pensam que Jesus revogou o Sábado desconhecem o meio social no qual Jesus vivia. Certo dia de Sábado, Jesus passava através de um campo de cereais com seus discípulos, ‘e enquanto caminhavam, seus discípulos puzeram-se a arrancar espigas. E os fariseus lhe diziam: “Olha o que eles fazem no dia de Sábado! Isto não é permitido” (Mc 2, 23-24). Jesus respondeu:

“Então nunca leste o que fez David quando ele e seus companheiros se acharam em necessidade e ele sentiu fome, como, no tempo do sumo sacerdote Abiatar, entrou na casa de Deus, comeu os pães da proposição, que a ninguém é permitido comer, senão aos sacerdotes, e deu-os também aos que estavam com ele?” (Mc 2, 25-26).

Jesus não inventa leis novas, ou muda a Lei, mas o contrário, fazendo uso de argumentos de dentro sua Tradição Judaica, ele mostra que a Lei o compele. Jesus conclui seu argumento com o que pode ter sido um famoso provérbio: “O Sábado foi feito para o homem e não o homem para o Sábado”.(Mc 2, 27) Uma fonte judaica aconselha, “ O Sábado é dado para você, não você para o Sábado” (Mekilta para Êxodo 31,13). No livro dos Macabeus, um princípio semelhante governa uma situação análoga: “Mas o Senhor não escolhera a nação por causa do santo lugar, e sim o santo lugar por causa da nação” (2Mc 5,19).

A controvérsia sobre o Sábado

Para se entender as controvérsias sobre o Sábado, dois fatos deveriam ser levados em consideração. Primeiro, o Talmude (Sotah 22b) enumera sete categorias diferentes de Fariseus, estendendo-se dos justos aos hipócritas. Segundo, lembrar que as controvérsias sobre o Sábado nos Evangelhos não eram sobre questões de vida e morte, mas ao contrário, sobre o grau de cura que era permitido, áreas nas quais os rabinos diferenciavam-se. Marcos relata que Jesus entrou na sinagoga no Sábado e um homem com a mão paralisada pôs-se diante dele. A um grupo de Fariseus que estava esperando para ver se ele curaria o homem, Jesus disse, “Que é permitido no dia de Sábado, salvar uma vida ou matá-la?”.(Mc 3,3) Mas eles ficavam calados, porque eles sabiam que era permitido salvar uma vida no Sábado. Realmente, os rabinos criticavam severamente qualquer um que demorasse para ajudar a uma pessoa gravemente doente, porque toda demora seria uma questão de vida ou morte.⁵

É verdade dizer que muitos eruditos concordam que Jesus observava o Sábado, como faziam seus discípulos e seus primeiros seguidores. Até o fim de sua vida na Terra, Jesus permaneceu um judeu fiel.

O Sábado, os primeiros Cristãos e o Domingo⁶

Nenhuma referência é feita no Novo Testamento de que o Sábado foi substituído pelo Domingo. Os seguidores de Jesus continuaram a guardar o Sábado mesmo depois de Sua morte. Paulo mesmo não defendia a abolição do Sábado, mas continuou a cultuar o Sábado na sinagoga como “era seu costume”. (At 17,2).

A destruição de Jerusalém em 70 da Era Comum foi um momento decisivo que enfraqueceu a influência da Igreja de Jerusalém, que aderiu os preceitos básicos do Judaísmo. Como o número de Gentios aumentava na Igreja e como a Igreja tornou-se mais Helenizada, ela perdeu progressivamente o contato com suas raízes judaicas e definiu a si própria “excessivamente contra” o Judaísmo. O pecado de supersessionismo, uma doutrina que vê o pacto de Deus com povo Judeu como rompido e a Igreja substituindo-o como o novo povo de Deus, está evidente na *Epístola de Barnabé*.⁷

Mas eles o perderam (o pacto) completamente da seguinte maneira, depois que Moisés já o recebera, pois a Escritura diz, e Moisés estava na montanha jejuando por quarenta dias e quarenta noites, e ele recebeu o pacto do Senhor, tábuas de pedra inscritas pelo dedo da mão do Senhor. Mas quando eles voltaram-se para os ídolos, o perderam.⁸

Esta epístola não somente declara o rompimento do pacto de Deus com o povo judeu, mas anuncia seu cumprimento em Jesus (Barn. 14,5). As práticas judaicas foram solapadas incluindo a observância do Sábado. O Domingo, o oitavo dia, que comemora a ressurreição (Barb.15,1-9) substituiu o Sábado.⁹

O anti-Judaísmo na *Epístola de Barnabé* não foi difundido e em consequência o abandono da observância do Sábado foi um acontecimento gradual que mudou em diferentes localidades no Ocidente e no Oriente. Por outros trezentos ou quatrocentos anos, algum tipo de observância do Sábado e do Domingo existiu entre os Cristãos.

O Egito Helenístico e o resto do Oriente Cristão Helenístico praticavam a observância do Sábado e do Domingo no século quarto e igualmente mais tarde no século quinto.¹⁰ O cânone atribuído a Atanásio de Alexandria, o mais importante delegado Episcopal do Egito no Concílio de Nicéia em 325, fala sobre a necessidade de se observar tanto o Sábado como o Domingo.¹¹ Timóteo, Bispo de Alexandria em 381, proíbe relações sexuais na Sábado e no Dia do Senhor porque nestes dias o sacrifício espiritual da Eucaristia é oferecido ao Senhor.¹² Epifânio de Salamis (no Chipre) coloca o Sábado ao lado do Domingo como um dia de assembléia Cristã.¹³ O Pseudo-Inácio (quarto século) escreve, “Depois de guardar o Sábado, deixe todo amante de Cristo celebrar a festa do dia do Senhor, o dia da ressurreição, o dia magnificente, o mais maravilhoso de todos os dias”.¹⁴ Nas Constituições Apostólicas, uma coleção de lei eclesiástica datando de 350-80 E.C, nós lemos:

Deixe os escravos trabalharem cinco dias; mas no Sábado e no Dia do Senhor deixe haver descanso para irem à Igreja para instrução na piedade. Dissemos que o Sábado existe por causa da Criação, e o dia do Senhor por causa da Ressurreição.¹⁵

Esta é a grande prova de que o Sábado, bem como o Domingo são importantes, mas dias diferentes para os primeiros cristãos. O Sábado não é absorvido pelo Domingo.

Todavia, é suposto muito freqüentemente que a observância do Domingo cristão é uma continuação de um dia diferente do Sábado judaico... mas as principais idéias subjacentes às duas observâncias do primeiro são muito diferentes. O Domingo era na visão Cristã primitiva somente o dia prescrito para o culto coletivo, pela proclamação da revelação do Senhor e da morte do Senhor até que Ele volte... Não há nenhuma tentativa, qualquer que seja ela nos primeiros três séculos, de basear a observância do Domingo no quarto mandamento... Os cristãos não mostraram, absolutamente, hesitação em tratar o Domingo como um dia comum de trabalho como seus vizinhos, uma vez que eles participaram da *synaxis* e da Eucaristia na *ecclesia*.¹⁶

Os desenvolvimentos Históricos aceleraram a substituição do Sábado pelo Domingo. << De nenhuma maneira foi a queda de Jerusalém em 70 da EC. >>Depois daquela data Jerusalém perdeu sua centralidade no governo da Igreja. A autoridade eclesiástica passou para Cesaréia e daí para Roma, que se tornou poderosa do quarto ao quinto séculos, particularmente com a ascensão de Pelágio ao papado. Quando em março de 321, um decreto de Constantino proibiu o trabalho no Domingo, o primeiro de semelhante decreto a ser promulgado, o movimento em direção à substituição do Sábado pelo Domingo foi mais tarde consolidado.

Depois desta época, a importância do Sábado diminuiu e a sua observância foi até condenada por certos decretos conciliares. Cada vez mais a Igreja perdeu o contato com as raízes judaicas e o anti-semitismo encontrado nos primeiros escritos dos Padres desenvolveu-se num cruel anti-semitismo que foi em parte responsável pela *Shoah (Holocausto)*.

Um novo modelo

Desde a *Shoah* a Igreja tem adotado meios para reparar a ruptura entre ela própria e o povo judeu. No documento *Nostra Aetate (Nossa Época)*, a Igreja condenou todas as formas de anti-Semitismo e de racismo. Ela redefiniu seu relacionamento com o Judaísmo não “excessivamente contra” a fé judaica, mas ao contrário em ‘complementariedade’ com ele, enfatizando as origens da Igreja no Judaísmo, as identidades judaicas de Jesus, Maria e os Apóstolos, e o contínuo nutrimento da Igreja “daquela oliveira frutífera”, a tradição judaica, sobre a qual a Igreja foi enxertada. Em Mainz, num dramático pronunciamento diante de um auditório judeu, o Papa João Paulo II proclamou que o pacto de Deus com o povo judeu nunca foi revogado e que os judeus “permanecem muito caros a Deus, pois Deus não se arrepende dos dons que Ele fez nem dos apelos que Ele faz”.¹⁷

É à luz deste novo relacionamento da Igreja com o povo judeu que empreendemos esta discussão sobre a observância do Sábado e do Domingo. Discutimos três momentos diferentes:

A observância do Sábado: Jesus e seus discípulos observavam o Sábado.

A observância do Sábado e do Domingo: A Igreja primitiva observava o Sábado como um dia de descanso conforme o preceito bíblico, e o Domingo, conhecido como o dia do Senhor, era um dia de culto coletivo para proclamar a revelação do Senhor e a morte do Senhor até a Sua vinda.

O Domingo: A primeira mensagem Cristã afirmando que o Sábado havia sido trocado para o Domingo é o comentário sobre o Salmo 92 pelo Bispo Eusébio de Cesaréia. Todavia, Eusébio não deve ter tido em mente o Sábado judaico em sua mudança do Sábado para o Domingo, porque ele não se refere ao mandamento do Sábado no Decálogo.

O novo enfoque da Igreja, em continuidade ‘com’ em vez de ‘excessivamente contra’ o povo judeu, significa que *o cumprimento* não quer dizer anulação da Lei, mas o contrário, *continuidade* com ela. Dado o exemplo da observância do Sábado por Jesus, e a diversidade de opiniões na Igreja primitiva, bem como ao fato de que os cristãos celebravam devidamente o Sábado no século quarto, uma forte razão é atribuída para a observância do Sábado como um dia de descanso, e o Domingo, como o dia para comemorar a Ressurreição de Jesus.

Santificar o Sábado

Não trabalhar

O primeiro requisito e a característica predominantes do Sábado é a suspensão do trabalho e de toda atividade comercial. Mas o que é o trabalho? Enquanto a Mishná (Shabbat 7,2) define as principais trinta e nove categorias de trabalho proibidas a um judeu no Sábado, achei que eu precisava encontrar uma definição que <<me satisfizesse.>> No livro de Josef Pieper sobre o lazer,¹⁸ descobri essa definição. “Trabalho” é o que eu faço “a fim de que”. Se eu estudo a Torá a fim de me preparar para uma conferência para a próxima segunda-feira, estou trabalhando! Mas se estudo a Torá por causa da Torá, não estou trabalhando. Se eu tricoteio a fim de enviar um par de meias a um amigo, estou trabalhando, mas se tricoteio porque tricotear é uma alegria, não é trabalho. Um ato que é feito por si mesmo fomenta a capacidade em alguém de estar presente e atento.

O texto de Isaías citado acima aponta as grandes recompensas concedidas àqueles que cessam o seu trabalho no Sábado: “Se te abstiveres... de tratar de teus interesses no meu dia santo... então encontrarás a tua delícia no SENHOR... eu te levarei de carro sobre as alturas da Terra, te farei saborear o patrimônio de teu ancestral Jacó. Sim, a boca do Senhor falou”.

Que forte convite não somente para parar o trabalho, mas para livrar nossos pensamentos de toda a preocupação com os nossos afazeres dos dias semana. No início isto será difícil, mas a prática nos mostrará o caminho. Descobriremos que o dia de descanso salienta o trabalho semanal com um novo tipo de entusiasmo.

Na eventualidade de precisarmos trabalhar, o trabalho deveria ser observado em um mínimo. Se acontecer que atuamos numa das profissões de socorros, tal como a enfermagem, que exige de nós trabalhar no Sábado, ainda podemos guardar o Sábado nos seus mínimos requisitos, que é *lembrá-lo*: “Lembra-te do Sábado” (Ex 20,8). Para assegurar que observamos este mínimo, colocaríamos um símbolo diante de nós, que agiria como um lembrete, tal como uma toalha branca sobre a mesa.

Acender as velas do Sábado

A luz de velas aumenta o espírito de paz e de tranqüilidade. As velas devem ser acesas antes do Sábado começar na sexta-feira à noite, no pôr do Sol. Acendê-las no pôr do Sol, num tempo estabelecido, assegura que entramos no Sábado no tempo de Deus, não o nosso. Os anos litúrgicos Judeus e Cristãos começam com a noite antes da solenidade.

Vestir roupas festivas e ter refeições festivas

“Quatro coisas foram ordenadas com respeito ao Sábado: duas à autoridade bíblica, e duas à autoridade dos sábios e claramente exprimidas pelos Profetas. A Torá diz: *Lembra*(Êx 20,8) e *Observa* (Dt 5,12); o profeta fala *honra e delícia*, como está escrito: “Se chamares o Sábado de “Delícia” e o santo dia do SENHOR de glorioso”(Is 58,13).

O que se entende por honra? “Honramos o Sábado trajando roupas limpas. Não se deve usar roupa de dias da semana no Sábado... Deve-se pôr a mesa do Sábado para acolher o Sábado... assim também, deve-se arrumar a mesa no fim do Sábado... a fim de honrar o Sábado tanto no seu início e como no seu encerramento”.¹⁹

O que se entende por delícia? “Os sábios explicaram isto declarando que devem ser preparados deliciosos pratos e bebidas fragrantés para o Sábado tanto quanto alguém tenha recursos. Quanto mais se gasta para o Sábado e quanto mais se prepara comida saborosa, recebe-se maior louvor”.²⁰

Conversa à mesa no Sábado

O Corpo-Docente e os alunos do Instituto Bat Kol escrevem e publicam duas páginas de comentários sobre a Torá (Sagradas Escrituras) no website da Bat Ko (www.batkol.info), no início de cada semana. Estes comentários têm em vista ajudar a tornar a nossa mesa no Sábado um altar onde Deus é cultuado e a palavra de Deus ouvida. Um exemplo do perfil da Conversa à mesa no Sábado pode ser encontrado neste website.

Concluindo, neste artigo demonstrei que há um lugar para a observância do Sábado entre os cristãos que também irão realçar nosso acolhimento ao Domingo, o dia cristão de adoração. Ao pôr do Sol da noite de Sábado, como os cristãos dão adeus ao Sábado, eles também acolhem o Domingo, o dia de alegria da ressurreição de Jesus. A bênção *que conclui o Sábado* é também uma bênção que acolhe o dia do Senhor. Ela é uma bênção que é *kodesh lekodesh, de santidade para santidade*. Enquanto a nossa observância do Sábado é um antegozo do tempo da eternidade, o culto dominical é um testemunho importante para a vida e a esperança que temos recebido em Cristo. Na nossa observância ao Sábado e no nosso culto ao dia do Senhor, nós rezamos e aguardamos pelo dia em que a humanidade será única, por aquele dia em que o Senhor será único e único o Seu nome (Zc 14,9).

Nota da Ir. Maureena Fritz: Este artigo é uma revisão de um artigo meu que foi publicado em O SUPLEMENTO CAMINHO 2000/97, sob o título, “Descanso Sabático e Culto Dominical: temos direito a ambos.”

NOTAS:

- ¹ Carta Apostólica do Santo Padre Papa João Paulo II, *O Dia do Senhor: Sobre a Santificação do Domingo* (São Paulo: PAULUS- Coleção Magistério da Igreja Nº 16, 1998, página 23)
- ² Franz Rosenzweig, *A Estrela da Redenção*, trad. da segunda edição (1930) por W. W. Hallo (Nova Iorque: Holt, Rinehart e Winston, 1971), pág. 314.
- ³ Abraham Joshua Heschel, *O Sábado: seu significado para o homem moderno* (Publicado originalmente em Nova Iorque pela Farrar, Straus & Giroux, 1951, renovado em 1979 por Sylvia Heschel e traduzido pela Editora Perspectiva- SA – S. Paulo 2000). p 83.
- ⁴ Hayim H. Donin, *Ser Judeu: um guia para a observância judaica na vida moderna*, (Livros Básicos, uma Divisão da Editora Harper Collins. 1971), pág. 96.
- ⁵ Solomon Schechter, *Aspectos da Teologia Rabínica*, (Livros Schocken , 1961), pág. 152.
- ⁶ Sou grata a Marianne Dacy NDS, PhD, Universidade de Sidney, Austrália por partilhar comigo os resultados de sua pesquisa sobre Cristianismo Primitivo e Judaísmo Rabínico, embora somente eu seja responsável pelo que escrevi.
- ⁷ Embora esta epístola seja atribuída ao apóstolo Barnabé, é mais provável que se trate de um documento escrito por um cristão de Alexandria que o escreveu provavelmente entre 70 e 150 EC. Seu texto em Grego foi descoberto inteiro no Código Sinaítico. Ele contém um forte ataque ao Judaísmo. Veja *O Dicionário de Oxford da Igreja Cristã*, terceira edição (1997), edit. E. A. Livingstone. pág 159.
- ⁸ *Barnabé 4:6c-7 de Barnabé e a Didaché*, trad. de Robert A. Kraft (Londres: Thomas Nelson & Sons, 1965), vol 3 de *Os Padres Apostólicos: uma nova tradução e comentário*, edit. Robert M. Grant.
- ⁹ Justino Mártir, que fala do oitavo dia ligado à circuncisão, alega que este dia não cessa de ser chamado de o primeiro dia. Veja *Diálogo com Trifão* 41,4. Veja também Enoque 33,2. Mais tarde no século terceiro Cipriano fala do oitavo dia, chamando-o de o dia após o Sábado, o dia da ressurreição quando o Senhor outorga a circuncisão espiritual. Veja Cipriano, *Epístola 64,4*. No século quarto Ambrósio desenvolveu o pensamento de Cipriano, chamando o oitavo dia de o dia da circuncisão perfeita que é passada a toda a humanidade. Veja Ambrósio, *Epístola 31(44) A Oranciano*. Nos seus comentários sobre os Salmos, Ambrósio introduziu outros testemunhos bíblicos para o número oito. Veja *Comentário sobre os Salmos 43.62*. Veja Oséias 3,1-2 e Miquéias 5, 4-5. Atanásio, no século quarto, chamou o sete um símbolo do antigo Testamento e o oito um símbolo do Novo Testamento. Veja em *Sobre o Sábado e sobre a Circuncisão* 1e4. Agostinho tem o mesmo pensamento. Veja *A Cidade de Deus XVI, 26*.
- ¹⁰ Veja Robert A. Kraft, “Algumas observações sobre a observância do Sábado no Cristianismo primitivo. *Seminário de Estudos da Universidade de Santo André*. 3 (1965). pp 18-33.
- ¹¹ Veja o Cânon 92, como traduzido do texto Árabe, *Cânones de Alexandria: cento e sete Cânones em Árabe, tradução da versão Copta do Grego, por Miguel, Bispo de de Tinis, do século sétimo, edit. .e trad. W. Riedel e W.E.Crum (Amsterdão; Filo Editora, 1973), reimpressão da Edição Londrina de 1904, pág.59.*

¹² *Resposta Canônica* PG 33: 1305.

¹³ O *Panarion* de Epifânio de Salamis, trad. Frank Williams (Leiden: E. J. Brill, 1987). Nag Hammadi -Séries xxxv. ed Martin Krause, James M. Robinson e Frederick Wisse.

¹⁴ Pseudo-Inácio. *Magnésios* 9, 3-4, ed. Funk-Diekam. Veja Robert Kraft “Algumas Observações,” pág. 23.

¹⁵ *As Constituições Apostólicas* viii. 33. 2. Veja *As Constituições Apostólicas*, ed., James Donaldson (Edimburgo: T&T Clark, 1870), Biblioteca Cristã Ante-Nicene , vol. viii.

¹⁶ Gregório X, *A Forma da Liturgia*. (2ª edição, Adams e Charles Black. 1975), pág 336.

¹⁷ A “Aliança que nunca foi revogada” foi explicitamente enfatizada pelo Papa João Paulo II na presença dos representantes oficiais judeus em Mainz em 1980 e foi citada no Vaticano em *Notas* de 1985.

¹⁸ Josef Pieper, *Lazer: A base da Cultura* (Nova Iorque: Livros Mentor-Omega , 1963).

¹⁹ Philip Birnbaum (ed), *A Mishnê Torá de Maimônides* (Nova Iorque: Companhia Publicadora Hebraica., c. 1964, 1967), pág. 74.

²⁰ *Ibid.*, pág. 75.